

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 30 DE OUTUBRO DE 2000

*Boa tarde.*

Mais uma vez, quero aproveitar a oportunidade de termos tantos representantes da mídia brasileira aqui para fazer breves comentários sobre as eleições que ocorreram ontem, dizendo o seguinte: em primeiro lugar, reiterando o que eu disse no primeiro turno, ou seja, o fato de as eleições terem sido feitas através de métodos informatizados ou de utilização de um voto eletrônico foi muito positivo.

Foi um esforço, que fizeram o Tribunal Superior Eleitoral e o Governo, que deu resultado, primeiro, por causa da rapidez. Porém, mais do que isso: existe limpeza na questão eleitoral. Ninguém pode acusar ninguém de fraude. Também foi um sucesso o fato de que muito poucas máquinas apresentaram defeito. A apuração foi rápida, o que permite também diminuir a angústia quanto aos resultados eleitorais.

Em segundo lugar, quero dizer que o pleito, como tem sido habitual no Brasil, transcorreu com calma, em um sentido de responsabilidade cívica por parte de todos os que participaram dessa eleição.

Como mencionei da outra vez, quando se olha o número de votos obtidos no conjunto – isso vale para o primeiro turno, porque no segundo turno os votos não são de partido, são divididos plebiscitariamente, para cá ou para lá – vê-se que houve um equilíbrio entre, basicamente, quatro partidos maiores. Mas houve partidos com muita votação, mesmo não estando incluídos entre esses quatro maiores. Basta mencionar o PPB, que teve uma votação bastante grande. Mas não foi o único.

Então, isso mostra que há um quadro político bastante diversificado no Brasil. Mas é inequívoco também que, no segundo turno, houve um avanço grande do PT em algumas áreas de capitais e de cidades grandes. Não foi o único. O PSDB também teve uma boa votação em cidades de mais de 200 mil habitantes. Enfim, vê-se, por outro lado, que, quanto ao número de Prefeituras ganhas, o PMDB tem um número maior, seguido do PFL e do PSDB.

Então, há uma espécie de mosaico de perspectivas para olhar, ou melhor, segundo a perspectiva, se vê um quadro um pouco diferente e equilibrado. Isso é muito importante.

Quero também lhes dizer que, na minha opinião, essas eleições foram eleições nas quais o interesse local pesou muito. As decisões foram decisões em função de circunstâncias locais, muito mais do que circunstâncias gerais, nacionais.

Isso não quer dizer que não tenha havido alguns fatores muito nítidos, algumas, digamos assim, mensagens muito nítidas do eleitorado. Uma me parece também bastante clara: é que o eleitorado está buscando candidatos que tenham um perfil sintonizado com o momento que nós vivemos, que é de profunda preocupação com a moralidade pública. Isso é muito positivo.

O fato de essa questão da moralidade pública ser posta como uma questão central nos debates, sobretudo, repito, no caso local, onde, realmente, os casos mais significativos ocorreram, é importante, foi muito positivo.

Quero dizer também que, tendo havido uma eleição, em que, basicamente, as questões locais chamaram a atenção, corresponde, agora, a

nós, do Governo Federal, uma atitude de cooperação. Acho que não se deve transformar política em um instrumento de perseguição a tais ou quais pessoas que tenham ganho eleitoralmente, contrários ao partido daqueles que estão em outras esferas de poder. Isso não corresponderia ao que o Brasil deseja hoje.

O Brasil deseja que as Prefeituras avancem, que o povo viva melhor, que dêem certo. E não caberá ao Governo Federal senão ajudar àqueles que, efetivamente, quiserem dar certo, mantendo uma atitude responsável, sobretudo no que diz respeito às finanças públicas e à moralidade pública. Corresponde a nós, portanto, independentemente da coloração partidária, apoiar as políticas que sejam políticas favoráveis para o povo.

Também, do ponto de vista daqueles que ganharam as eleições, corresponde uma atitude, ao mesmo tempo, de compreensão do que o Brasil precisa e, portanto, não transformar as suas Prefeituras em bastião contra isto ou contra aquilo, mas, sim, em transformar as Prefeituras no que elas são legitimamente: instrumentos de melhoria das condições de vida da população, mormente agora, quando se vê que os resultados foram muito apertados. Em quase todas as grandes cidades, as diferenças foram pequenas entre os dois lados. Às vezes, menos de 1%; aliás, muitas vezes. Portanto, quem ganhou não deve ter uma atitude de menosprezo para quem perdeu, senão que deve tomar em consideração também o ponto de vista de quem perdeu, não no sentido de aderir às idéias políticas, o que não é o caso, mas no sentido de perceber que quase metade da população, em algumas cidades, foi contra. E, portanto, essa metade que foi contra espera um bom desempenho, tem que corresponder a essa, digamos, apertada vitória, a um aumento no sentido de responsabilidade.

Isso não quer dizer que quem tenha tido uma vitória mais folgada possa deixar de ter esse mesmo sentimento. Deve ter esse mesmo sentimento. Mas creio que se torne mais visível, mas patente ainda, nas situações em que a vitória se deu às vezes por um sopro, um quase nada. E, portanto, deve levar a todos nós a termos um sentimento de maior humildade e respeito para com o que está sendo dito, através das urnas, pelo eleitorado.

De qualquer maneira, o povo brasileiro pode estar comemorando o fato de que nós tivemos eleições limpas, eleições honestas, democráticas, num clima de plena liberdade, com respeito absoluto às decisões da população. E que podem esperar do Governo Federal uma conduta equilibrada, uma conduta sempre orientada no sentido de que as coisas dêem certo. Quanto melhor forem os prefeitos, melhor será para o Brasil, independentemente dos partidos aos quais eles pertencem.

Muito obrigado.